

**ESCOLA ÚNICA DO TRABALHO: A INTERPRETAÇÃO SOVIÉTICA DE UMA
EDUCAÇÃO MARXISTA**

**ESCUELA ÚNICA DE TRABAJO: LA INTERPRETACIÓN SOVIÉTICA DE UNA
EDUCACIÓN MARXISTA**

**UNITED LABOUR SCHOOL: THE SOVIET INTERPRETATION OF A MARXIST
EDUCATION**

DOI: <https://doi.org/10.9771/gmed.v13i3.46660>

Diego Becker¹

Resumo: Há pouco mais de 100 anos rompeu uma revolução que estremeceu os alicerces da sociedade capitalista, a Revolução Russa de 1917 foi um dos principais processos de transformação política do século XX. O presente artigo busca apresentar a transformação política realizada pela Revolução Russa no âmbito da educação, a Escola Única do Trabalho foi uma experiência implementada no primeiro momento da efervescência revolucionária. Essa experiência pode auxiliar no debate acerca das reformas educacionais ocorridas no Brasil do século XXI. Nesse sentido buscamos apontar como se deu a interpretação soviética de uma educação pautada pelo materialismo histórico-dialético, sendo arcabouço para questionamentos atuais.

Palavras-chave: Escola Única do Trabalho. Educação. União Soviética. Marxismo. Socialismo.

Resumen: Hace poco más de 100 años estalló una revolución que sacudió los cimientos de la sociedad capitalista, la Revolución Rusa de 1917 fue uno de los principales procesos de transformación política del siglo XX. Este artículo busca presentar la transformación política llevada a cabo por la Revolución Rusa en el campo de la educación, la Escuela Única del Trabajo fue una experiencia implementada en el primer momento de la efervescencia revolucionaria. Esta experiencia puede ayudar en el debate sobre las reformas educativas que tuvieron lugar en Brasil en el siglo XXI. En este sentido, buscamos señalar cómo se produjo la interpretación soviética de una educación basada en el materialismo histórico-dialéctico, proporcionando un marco para las cuestiones actuales.

Palabras clave: Escuela Única del Trabajo. Educación. Unión Soviética. Marxismo. Socialismo.

Abstract: A little over 100 years ago, a revolution that shook the foundations of capitalist society broke out. The Russian Revolution of 1917 was one of the main processes of political transformation of the 20th century. This article seeks to present the political transformation carried out by the Russian Revolution in the field of education, the United Labour School was an experience implemented in the first moment of the revolutionary effervescence. This experience can help in the debate about the educational reforms that took place in Brazil in the 21st century. In this sense, we seek to point out how the Soviet interpretation of an education based on historical-dialectical materialism took place, providing a framework for current questions.

Keywords: United Labour School. Education. Soviet Union. Marxism. Socialism.

Nos idos da primeira metade do século passado, Marc Bloch e Lucien Febvre, fundadores da Escola dos Annales, já apontavam que os historiadores escrevem imbuídos pelo seu contexto histórico. Nesse sentido, o propósito da escrita desse texto se insere como uma forma de compreender o passado,

apontando para mudanças que possam ser realizadas na atualidade. No momento que estamos construindo essas linhas, a educação brasileira passa por mais um período de “reformas”; para sermos mais exatos, usaremos o conceito de Freitas (2018) “reforma empresarial da educação”. A partir da aprovação da BNCC e Novo Ensino Médio, o modelo educacional brasileiro se aprofundará em um processo de privatização e jogará ainda mais os jovens para os braços do neoliberalismo. (CATINI, 2020)

Fazendo coro à formulação de Fernandes (1995) na qual apontava que a neutralidade, mesmo nas pesquisas científicas, não é possível, temos como objetivo analisar a interpretação de um tipo de educação que rompeu com pensamento hegemônico e metafísico, tendo como princípio a construção de uma sociedade emancipada (BITTAR; FERREIRA JR, 2015). Sendo assim, nos contrapondo a uma ideia de educação baseada no gerencialismo neoliberal e privatista, buscamos então apresentar um modelo que possa servir de inspiração para elaboração de uma educação voltada à construção do conhecimento e da emancipação humana.

Tendo a Escola Única do Trabalho como objeto de estudo, que consistiu em movimento realizado por mulheres e homens no limiar do século XX, que teve como façanha elaborar um modelo educacional pautado no materialismo histórico-dialético, durante os primeiros anos de implementação do sistema de ensino escolar na União Soviética. A Escola Única do Trabalho e suas escolas-comunas são uma experiência importante que devem ser analisadas a partir métodos historiográficos, para que possam servir de exemplos para formulação de novas experiências da pedagogia do meio respeitando suas particularidades históricas, políticas, econômicas e sociais.

O principal biógrafo de Trotsky escreveu no obituário de Stálin uma passagem que elucida as transformações ocorridas em tão pouco tempo na sociedade soviética, algo que não deve ficar apenas na conta do então dirigente soviética, mas é um impulso de mudanças puxadas por todo uma gama de atores sociais e, principalmente, a educação teve seu papel fundamental na mencionada revolução cultural.

Elevou a Rússia ao grau de segunda potência industrial do mundo e não se tratou apenas de uma questão de puro e simples progresso material e de organização. Não se poderia obter um resultado semelhante sem uma vasta revolução cultural, no decorrer da qual se mandou para a escola um país inteiro para que recebesse uma instrução extensiva. (DEUTSCHER apud LOSURDO, 2011, p. 10).

Marisa Bittar e Amarilio Ferreira Jr., no texto “Ativismo pedagógico e princípios da escola do trabalho nos primeiros tempos da educação soviética”, apontam as mudanças ocorridas logo nos primeiros meses da revolução de outubro no âmbito da educação, “a população alfabetizada cresceu de 32%, em 1920, para 40% nos fins de 1926. Nas aldeias funcionavam mais de 22 mil salas de aulas; o rádio e o cinema começaram a incorporar-se aos hábitos dos camponeses.” (BITTAR; FERREIRA, 2015, p. 438). No tocante a formação de professores, os autores apontam que em 1917 aumentou 25% o número de docentes em comparação ao período czarista, algo ainda insuficiente para as necessidades da população. Em pouco mais de 10 anos a URSS contou com a superação do analfabetismo, em dados concretos 50 milhões de pessoas foram alfabetizadas e 40 milhões de semialfabetizados (BITTAR; FERREIRA, 2015, p. 438).

Sendo assim, esse texto visa apontar o novo sistema de ensino implementado pela revolução bolchevique que propiciou as transformações educacionais, sociais e culturais elevando uma sociedade anteriormente afundada na pior autocracia da Europa, imerso no alfabetismo e no atraso tecnológico se tornou uma das maiores potências mundiais, influenciando, segundo Hobsbawm, em todo o século XX nas mais diversas áreas (HOBSBAWM, 1995).

Todavia, iniciamos apontando o conceito de “Educação” que temos por base, além de explicar em qual sentido o título traz o conceito de marxismo como sinônimo do materialismo histórico-dialético. Em relação à “Educação”, estamos partindo do pressuposto elaborado por Demerval Saviani em sua obra “Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações” (2011), que explicita a ideia que é um processo no qual o ser humano se desenvolve enquanto tal, movimento que é transmitido o conhecimento, valores, símbolos, hábitos, habilidades, ou seja, toda a cultura sistematizada pela humanidade ao longo dos séculos (SAVIANI, 2011, p. 12-13).

Essa é uma definição de caráter genérico, que pode ser apontada como um referencial abstrato para que possamos ter como balizador do entendimento sobre “Educação”. No entanto, partindo de um pressuposto materialista histórico-dialético, é necessário que compreendamos em que meio a educação está inserida, quais seus métodos, quais suas finalidades e seus princípios (LOMBARDI, 2010). Georg Lukács escreve que “os fatos devem ser compreendidos corretamente, convém de início esclarecer com a precisão essa diferença entre a existência real e seu núcleo interior, entre as representações que formamos e seus conceitos” (LUKÁCS, 2003, p. 75).

A escola advinda do Iluminismo e da Revolução Francesa tem um determinado tipo de finalidade para a nascente sociedade burguesa. Nesse sentido, a educação tem um caráter de negar o Antigo Regime e inculcar o novo pensamento, até então, revolucionário e pautado nos ideais liberais (MANACORDA, 1992). Assim, a educação praticada na colônia portuguesa nas Américas pelos jesuítas tinha como finalidade e princípio inculcar o pensamento cristão e a subserviência ao trabalho escravo.

Em síntese,

A educação é um campo da atividade humana e os profissionais da educação não construíram esse campo segundo idéias próprias, mas em conformidade com condições materiais e objetivas, correspondendo às forças produtivas e relações de produção adequadas os diferentes modos e organizações da produção, historicamente construídas pelos homens e particularmente consolidadas nas mais diferentes formações sociais (LOMBARDI, 2010, p. 231).

Nesse sentido, prossigamos para a questão do materialismo histórico-dialético como ponto fulcral, e por diversas vezes, sinônimo do marxismo. Esse método de investigação científica rompe com o pensamento metafísico e se vincula a uma tradição de compreender a realidade, o mundo e ser uma concepção de vida.

Triviños vincula essa forma de pensamento como uma corrente filosófica cuja finalidade está voltada a estudar as leis sociológicas da vida social, sua evolução histórica e sua prática social. Considera uma ruptura com as concepções que o antecederam, sendo Marx o pensador que transforma a maneira de

se utilizar o materialismo histórico, que com Hegel e seus seguidores era organizado de forma idealista, cabendo ao Mouro inverter a dialética para um posicionamento material (TRIVIÑOS, 2009).

Essa filosofia e concepção de vida levou o nome de seu principal articulador, Karl Marx (1818-1883). Todavia, o alemão era acompanhado de seu compatriota e amigo revolucionário Friedrich Engels (1820-1895), tido como um segundo violino, que teve influência cabal no pensamento marxiano. O jovem Marx, em sua crítica hegeliana, já entendia que, para se compreender a realidade, era necessário ir ao cerne do modo de produção capitalista. Mas ao ter contato com a produção de Engels, é o momento que amplia sua visão para a economia política. É com a obra “A situação da classe trabalhadora inglesa” (1845), que Marx teve contato com a teoria organizada por Engels, no qual analisou as influências da Revolução Industrial no modo de vida do proletariado inglês, apresentando as misérias que os operários estavam passando. Para Martins,

Engels originalmente elabora algumas teses que, posteriormente, foram muito significativas para Marx e basilares ao materialismo histórico e dialético. [...], parece-nos antecipar a célebre assertiva marxiana de que as mudanças nas estruturas econômicas repercutem nas superestruturas jurídico-políticas e ideológicas, determinando-lhes novas conformações (MARTINS, 2004, p. 46).

Lênin descreve em um pequeno texto, “As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo” (1977), que o marxismo se constitui do socialismo francês, a filosofia alemã e a economia política inglesa. A junção desses três fatores levou a Marx e Engels à elaboração de um método científico, cujo problema central era analisar “a gênese, a consolidação, o desenvolvimento e as condições de crise da sociedade burguesa, fundada no modo de produção capitalista” (NETTO, 2011, p. 17), com uma intenção clara que era sua superação e construção de um outro tipo de sociedade. Para Lukács, o materialismo histórico-dialético é a ferramenta do proletariado para a superação de sua condição de vida explorada, não apenas como instrumento de um método científico, mas como um meio de luta de libertação (LUKÁCS, 2003).

Marx não deixou nenhum texto que afirme ou faça um tratado metodológico. Para quem quiser se aventurar no entendimento do seu método, é necessário que estude com afincos suas obras. O marxismo proporciona um método de compreender a realidade concreta a partir do abstrato, e do abstrato para o concreto, que pode ser conceituado como concreto pensado, realizando assim um movimento dialético da História proposto por Marx e Engels. Nesse sentido, poderemos analisar a maneira pela qual o objeto estudado foi se desenvolvendo em suas múltiplas determinações, pois não podemos ficar apenas no que é visível e aparente, é necessário entender profundamente a realidade histórica que se formou a partir de interferências políticas, sociais, econômicas, culturais, ou seja, de inúmeras condicionantes determinadas (MARX; ENGELS, 2007).

O materialismo dialético não considera a matéria e o pensamento como princípios isolados, sem ligações, mas com aspectos de uma mesma natureza que é indivisível e que “se exprime sob duas formas diferentes: uma material e outra ideal; a vida social, una e indivisível, também se exprime sob duas formas diferentes, uma material e outra ideal; eis como devemos considerar o desenvolvimento da natureza e da vida social.” O

materialismo dialético considera a forma das idéias tão concreta quanto a forma da natureza (GADOTTI, 1995, p. 133).

É a partir dessa concepção de mundo que os revolucionários da pedagogia soviética se empenharam na construção de um sistema de ensino escolar que fosse ligado aos interesses políticos da classe que ocupou o poder, relacionado com as determinações históricas da conjuntura de transição ao socialismo. Os revolucionários comunistas, que tinham como tarefa criar uma nova sociedade, creditaram à escola um meio de formar os novos homens e mulheres que construiriam um novo mundo baseados no pensamento socialista.

A primeira fase da história da educação soviética é composta pelo período de 1917 a 1931, conforme apontado por Freitas (2009). Pistrak faz uma subdivisão conforme os documentos curriculares: entre 1917 e 1920 foi considerado o momento de estabelecimento da pedagogia soviética, seguida da postulação da escola soviética e pedagogia marxista-leninista, entre 1921 até 1930 (FREITAS, 2009, p. 9-10). A primeira reforma sob o comando de Stálin e na conjuntura dos planos quinquenais ocorreu em 1931, momento em que houve alterações no formato de organizar a educação na URSS.

Nadezhda Krupskaya e os pedagogos soviéticos conceberam a Escola Única do Trabalho, fundamentada em um ensino multilateral, omnilateral, unindo o processo intelectual ao prático e o ensino politécnico.²

Há diferentes entendimentos de escola do trabalho. A escola do trabalho pode ter caráter estritamente artesanal, um caráter de economia doméstica, a escola pode estabelecer suas metas sobre como formar nas crianças a paixão pelo trabalho, a perseverança, a paciência e assim por diante. Por outro lado, a escola do trabalho pode ter um caráter politécnico. Esse caráter politécnico deve consistir não no fato de uma criança aprender alguns ofícios, como interpretam alguns educadores. A escola politécnica deve fornecer um panorama da economia do país, familiarizar os estudantes com a indústria agrícola, com a mineração, com a manufatura e seus ramos de processamento de metal, têxtil e químico. Essa familiarização deve ser fornecida por meio de livros didáticos, ilustrações, cinema, visitas a museus, exposições, fábricas, usinas, e por meio de participação na produção. O último elemento é particularmente importante. Somente trabalhando com o material, o jovem estuda em todos os seus aspectos. Os métodos de trabalho é o melhor método de aprendizagem. No processo de trabalho, o estudante aprende melhor sobre física, química, as leis da mecânica (KRUPSKAYA, 2017, p. 85).

Seguindo esses preceitos, o Narkompros buscou romper a divisão de classes fundada na antiga ordem social. A Escola Única do Trabalho era tida como única para todo o processo educativo, desde a infância até o ensino superior, sendo uma continuidade tendo um mesmo fundamento norteador, que era o trabalho produtivo. Outra questão era que todas as crianças sem distinção de classe ou gênero deveriam partilhar o mesmo espaço escolar (NARKOMPROS, 2017). Esse formato escolar acabou a escola do ensino, retirando o caráter abstrato da educação e os preceitos burgueses de produção. Ou seja, o que importava era criar uma educação que fosse ligada ao processo produtivo, sem a reprodução da alienação capitalista.

Na “Deliberação do Comitê Executivo Central de Toda a Rússia” (outubro de 1918) estabeleceu-se o regulamento da Escola Única do Trabalho da República Federativa Socialista Soviética, tendo como primeiro artigo designando o Commissariado do Povo para Educação como responsável por

toda a educação soviética. Em seu Artigo 12º, coloca a questão do ensino ligado ao trabalho produtivo, conforme Krupskaya havia concebido ser uma educação comunista.

Artigo 12º. Na base da vida escolar deve estar o trabalho produtivo, não como meio de pagamento dos gastos de manutenção das crianças e não só como método do ensino, mas especialmente como trabalho produtivo socialmente necessário. Ele deve ser fortemente organizado em ligação com o ensino, lançando a luz do conhecimento a toda a vida circundante. Gradualmente sendo cada vez mais complexo, devendo ir além do entorno imediato da vida da criança, o trabalho produtivo deve familiarizar a criança com uma ampla variedade de formas de produção, até as mais complexas (FREITAS, 2017, p. 278-279).

Marx, ao analisar o processo produtivo no capitalismo, apontou a cisão entre o trabalho intelectual e o trabalho manual, conforme houve a especialização e fragmentação do processo produtivo mais se intensificou essa divisão (MARX, 2013, p. 441). Dessa forma, na perspectiva de uma sociedade baseada na divisão entre as classes, houve uma divisão no modo de conceber a escola e o processo de ensino-aprendizagem. Para Moacir Gadotti, esse debate se insere na discussão entre o trabalho produtivo e o trabalho improdutivo, sendo o primeiro aquele ligado diretamente na produção de mais-valia e o segundo estaria no âmbito indireto da produção ou no aproveitamento da mais-valia alheia (GADOTTI, 1995).

Sendo assim, para Gadotti “o sistema escola seria, então, o grande instrumento do capitalismo na preparação de ‘mão-de-obra’ improdutiva, responsável pela criação e desenvolvimento de uma classe média em expansão com a própria expansão do capital.” (GADOTTI, 1995, p. 137) Todavia o capitalismo necessitou de um ajustamento no processo de ensino, devido à necessidade de especialização do trabalho e ordenamento ideológico ao sistema. Assim, foram sendo criadas não só escolas para a classe média e filhos de burgueses, mas os filhos classe operária também foram inseridos no processo educativo para inculcar os preceitos da sociedade e da produção capitalista.

A Rússia se inseriu no escopo do capitalismo tardio, sua industrialização apontou no final do século XIX e início do século XX, impulsionada pelo expansionismo e pelas diversas guerras geradas desse processo (Guerra da Criméia, 1860; Guerra dos Balcãs, 1870; em 1900, Guerra no Extremo Oriente; Guerra contra o Japão, 1904). (AARÃO, 2007) É nesse contexto que aparecem as críticas dos educadores socialistas; Krupskaya, em texto publicado em 1918, analisou a estruturação das escolas russas.

Para a pedagoga bolchevique, esse desenvolvimento histórico gestou três tipos de escola: 1 – o “ginásio rural” ou “nova escola”, à qual eram destinados os filhos da aristocracia, sob um alto valor eram educados com todo o conforto e o que havia de mais desenvolvido na ciência; 2 – a escola para a pequena burguesia, que tinha por objetivo ensinar aqueles que ocupariam os cargos da burocracia estatal, sem indagamentos; o ensino era tido como “ciência livresca”, apenas incutiram o culto ao Estado burguês; 3 – a escola pública, destinada aos filhos da classe trabalhadora, onde deveriam receber ensinamentos elementares como a escrita e soma (FREITAS, 2017, p. 65-68).

Para Krupskaya, esses modelos de escola eram tidos como apenas de “ensino”, onde eram ensinados conteúdos abstratos descolados da realidade. Por mais que fossem direcionados para classes diferentes, o cerne do processo de ensino-aprendizagem era influenciado pelo modo de produção capitalista e com isso havia a alienação do trabalho produtivo.³ Os filhos da burguesia recebiam um ensino deslocado do trabalho produtivo, pois deveriam ser aqueles que administrariam a extração da mais-valia, e nas escolas públicas os conteúdos eram exteriores à sua classe social e tinham o princípio de inculcar os procedimentos elementares para manuseio da máquina, sem que se refletisse no processo produtivo como um todo.

Neste ponto, iremos resguardar as proporções históricas, mas é importante uma digressão ao ponto inicial de nosso texto. Essa divisão da educação nos remete ao que ocorre no Brasil do século XXI, o modelo elaborado pelos empresários da educação se assimila ao russo czarista, no qual mantém um ensino diferenciado conforme a divisão de classe, além de ser uma educação do “ensino” descolada da realidade concreta. Sobre a reformulação do currículo no Estado de São Paulo, pioneiro e grande financiador da implementação das reformas empresariais da educação, Catini descreve que a inserção do novo modelo pretende inserir um pensamento ordeiro para moldar as/os estudantes ao mercado de trabalho precarizado.

Com as habilidades socioemocionais o empresariado pretende ensinar a juventude trabalhadora, a partir de exercícios práticos - é claro, pois a teoria é pouco atrativa e menos importante na nova função escolar -, coisas como amabilidade, “resiliência emocional” e autogestão. Sim, a autogestão. Não basta a classe dominante querer ensinar quem trabalha a sacrificar-se e ser amável: pretende ainda transformar a autogestão em atributo pessoal. (CATINI, 2020, p. 57)

Para romper com essas concepções, os pedagogos soviéticos conceberam uma educação pautada no marxismo, que tinha como princípio a realidade concreta que os estudantes estavam inseridos. Sendo assim, o ponto de partida que estrutura o ensino na URSS foi a categoria trabalho, na Deliberação do Comitê Executivo, ficou explicitado que essa categoria seria o meio pelo qual o ensino escolar seria “criativo, alegre, livre de violência contra a personalidade do estudante”. (FREITAS, 2017, p. 279) Em Marx, trabalho é a forma que estrutura toda a vida do ser humano, meio pelo qual é sua maneira de sobrevivência e existência, bem como a diferenciação dos demais animais. Em *O Capital*, define o trabalho como o processo de controle e regulação da natureza, é a partir do dispêndio de energia em ação com a natureza que se gera o trabalho, meio pelo qual reorganiza o ambiente e se autoproduz (MARX, 2013, p. 255).

A forma que Pistrak define a relação da escola e do trabalho é resumida em sua obra “Os fundamentos da escola do trabalho” (2011), entende que a educação na União Soviética devia ser pensada em três aspectos: a atualidade, a autogestão e o trabalho. Ficando a essa última categoria o meio pelo qual se ligava as duas primeiras, sendo as três uma finalidade que era construção de uma educação para formação da sociedade comunista.

O trabalho então, e somente então, torna-se a solução do problema básico escolar se ele for tomado na perspectiva da revolução social, se ela orienta-se pela construção comunista, e se nele, como

fundamento seguro, unem-se os princípios básicos da escola moderna, isto é, a ligação com a atualidade e com a auto-organização (PISTRAK, 2011, p. 81).

Para Moisey M. Pistrak, a atualidade pode ser considerada como o ensino do meio, tendo como mote a compreensão da realidade concreta, da conjuntura e da luta de classes. Com a vitória da Revolução Bolchevique de Outubro, o país sofreu com a invasão das potências imperialistas, que ao encerrar a Primeira Grande Guerra se aliam aos monarquistas para a restauração do antigo regime na Rússia. Desse conflito saiu a Guerra Civil de 1918-1921, que teve grande impacto social, econômico e no âmbito educacional, Pistrak esclareceu que os estudantes deveriam entender a atualidade como uma maneira de barrar o avanço do imperialismo e da restauração.

Sendo assim, o método de análise da atualidade deveria ser o materialismo histórico-dialético no qual proporciona não apenas uma forma de leitura, mas também uma maneira de alterar e “dominar” a realidade concreta. A definição de Pistrak para o estudo da atualidade deveria ser uma maneira de instrumentalizar a juventude para que a geração futura pudesse ter o conhecimento necessário para enfrentar os inimigos da Revolução.

Antes nós definimos a atualidade como o imperialismo e a União Soviética. Mas que lugar deve ocupar a juventude neste conflito da reação e da revolução, do antigo com o novo? Reduzindo as questões da atualidade a este ponto da luta, é necessário colocar na consciência da geração futura, que cada jovem será, ou melhor, já é, um soldado na frente de luta, que sua tarefa é instrumentalizar-se detalhadamente para esta luta pelo conhecimento, estudar bem o instrumento do inimigo, e saber usá-lo em sentido positivo para a revolução, saber manejar na prática seu instrumento - o conhecimento (PISTRAK, 2009, p. 121).

Por autogestão, Shulgin definia como um movimento de aprendizagem que deveria iniciar logo nos primeiros anos da vida da criança e ser consolidado ao longo de toda uma geração. Baseada nos princípios da nova sociedade que tinha por base os soviets, ou seja, do conselho dos operários e camponeses. Essa estrutura política surgiu na luta revolucionária do levante de 1905, considerada por Lênin como a forma mais espontânea e criativa advinda da classe trabalhadora como uma forma de autorregulação e autogestão, que a partir de 1917 se torna uma forma de estruturação política do Estado.

A categoria da auto-organização formou-se na participação ativa das crianças no desenvolvimento da escola, as/os professoras(es) deveriam inserir tarefas no cotidiano escolar no qual os/as estudantes seriam os principais agentes da ação. A administração escolar também deveria ser organizada de forma autogestionada, sendo dividida entre os estudantes, a gestão, os docentes e a sociedade, compondo núcleos dos conselhos escolares que promulgavam as deliberações e resoluções escolares. A comissão de organização era constituída por cinco pessoas que deveriam ocupar os seguintes cargos: administração econômica, do internato, de estudo, da parte social-científica e do secretariado (FREITAS, 2009, p. 31).

A relação entre essas categorias compõe o movimento dialético proposto pelo marxismo originário que tem como finalidade a transformação da realidade social. A educação como um exercício da

ação humana não poderia ficar apenas no âmbito da contemplação, mas ser como compreendia Lênin, "a arma mais poderosa" da tomada do poder e na posterior construção de uma sociedade livre e emancipada.

Enfim, a experiência socialista da União Soviética trouxe para a história diversos exemplos de como superar um modus operandi de opressão e subjugação. A proposta de uma educação pautada no marxismo, o materialismo histórico-dialético, foi nos primeiros anos da URSS, a implementação de uma experiência promissora que deve ser retomada atualmente como uma maneira de questionar e repensar o modelo de escola que vem sendo implementado mundialmente, mas em particular no Brasil neoliberal, a Escola Única do Trabalho é uma inspiração para elaboração de uma educação emancipadora.

Referências

- BENITE, A. M. C. Considerações sobre o enfoque epistemológico do materialismo histórico-dialético na pesquisa educacional. **Revista Ibero-americana de Educação**, n.º 50/4, 25 de setembro de 2009.
- BITTAR, M.; FERREIRA JR., A. Ativismo pedagógico e princípios da escola do trabalho nos primeiros tempos da educação soviética. **Revista Brasileira de Educação**, vol. 20, n. 61, abr-jun, 2015.
- BITTAR, M.; FERREIRA JR., A. História, epistemologia marxista e pesquisa educacional brasileira. **Educ. Soc.**, Campinas, Vol. 30, n.º 107, maio/agosto de 2009.
- BLOCH, M. **Apologia da História: Ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- CATINI, C. Empreendedorismo, privatização e o trabalho sujo da educação. **Revista USP**, n.º 127, São Paulo, out/nov/dez de 2020.
- FERNANDES, F. **Em busca do socialismo: últimos escritos e outros textos**. São Paulo: Xamã, 1995.
- FERRO, M. **A revolução russa de 1917**. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- FREITAS, L. C.; CALDART, R. S. (orgs.). **A construção da pedagogia socialista: Escritos selecionados**. São Paulo: Expressão Popular, 2017.
- FREITAS, L. C. **A Reforma empresarial da educação – nova direita, velhas ideias**. São Paulo: Expressão Popular, 2018.
- FREITAS, L. C. A luta por uma pedagogia do meio: revisitando o conceito. *In*. PISTRÁK, M. **A Escola-comuna**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- GADOTTI, M. **Concepção dialética da Educação: um estudo introdutório**. São Paulo: Cortez, 1995.
- GONÇALVES, L. S. **História da educação soviética: a transição como processo de aprendizagem**. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. 2020.
- HOBBSAWM, Eric. **A era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- KRUPSKAYA, N. K. Sobre a questão da escola socialista. *In*. FREITAS, L. C.; CALDART, R. S. (orgs.). **A construção da pedagogia socialista: Escritos selecionados**. São Paulo: Expressão Popular, 2017.
- KRUPSKAYA, N. K. A questão da educação comunista. *In*. FREITAS, L. C.; CALDART, R. S. (orgs.). **A construção da pedagogia socialista: Escritos selecionados**. São Paulo: Expressão Popular, 2017.
- LENIN, V. I. **As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo**. Obras Escolhidas. Lisboa: Edições Avante, 1977. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1913/03/tresfont.htm>
- LOMBARDI, J. C. **Reflexões sobre educação e ensino na obra de Marx e Engels**. Tese (livre docência). Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

- LOSURDO, Domenico. **Stalin: história crítica de uma lenda negra**. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2011.
- LUKÁCS, G. **História e Consciência de Classe**. Tradução de Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- MANACORDA, M. A. **História da Educação: da antiguidade aos nossos dias**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1992.
- MARTINS, M. F. Pesquisa em Educação e transformações sociais. **Argumentos Pró-Educação**, v. 1, nº 2, Pouso Alegre, mai-ago, 2016.
- MARTINS, M. F. **O valor pedagógico e ético-político do conhecimento para a “filosofia da transformação” de Gramsci e sua relação com o marxismo originário**. 2004. Orientador: Silvio Gallo. p. 304. Tese de doutorado (Educação). Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2004.
- MARX, K. **O Capital. Crítica da economia política**. Livro I – O processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013.
- NETTO, J. P. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- PISTRAK, M. M. **Fundamentos da Escola do Trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- REIS FILHO, D. A. **Uma revolução perdida: A história do socialismo soviético**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007.
- SAVIANI, D. **Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações**. Campinas: Autores Associados, 2012.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a Pesquisa Qualitativa em Educação – O Positivismo, A Fenomenologia, O Marxismo**. São Paulo: Atlas, 2009.

Notas

¹ Mestre em História (Unifesp) e doutorando em Educação (UFSCar). Professor da rede pública de ensino do Estado de São Paulo. Pesquisador do HISTEDBR - GT UFSCar-So - Grupo de Estudos e Pesquisas em História, Sociedade e Educação no Brasil <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7332374112951068>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3991-8922>. E-mail: diegobecker.prof@gmail.com

² Ver Manacorda, 1992; Pistrak, 2009; Freitas; Caldart, 2017.

³ Entende-se alienação do trabalho no sentido marxiano de estranhamento do trabalhador dentro do processo produtivo, seja no seu apagamento enquanto produtor, a objetivação do trabalhador, a fragmentação da produção e seu não pertencimento nesse processo. Ver Marx, 2010.

Recebido em: 04. out. 2021

Aprovado em: 21 nov. 2021